



## A EDUCAÇÃO INFANTIL E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

**Fernanda Lopes Braga** <sup>1</sup>

**Nilda da Silva Nogueira** <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

A infância é cercada por um mundo que constrói e reconstrói as intenções e ideologias das crianças ao longo de suas vidas. Assim, a escola, bem como os profissionais da educação, precisam estar atentos quanto aos métodos desenvolvidos nos espaços escolares, uma vez que é nesse âmbito que a criança passa grande parte da sua vida.

Imprescindível que haja um entendimento da importância de estudar as relações étnico-raciais nos vários contextos sociais nos quais estamos inseridos. Na Educação não deve ser diferente, haja vista que através dela podemos conscientizar e intensificar a necessidade de reconhecermos e valorizarmos as diferenças humanas e culturais existentes dentro e fora da escola. Segundo Verrangia e Silva (2010, p. 709):

Entende-se aqui por relações étnico-raciais, aquelas estabelecidas entre os distintos grupos sociais, e entre indivíduos destes grupos, informadas por conceitos, ideias, sobre diferenças e semelhanças relativas ao pertencimento racial destes indivíduos e dos grupos a que pertencem. Relaciona-se ao fato de que, para cada um e para os outros, se pertence a determinada raça, e todas as consequências desse pertencimento

O intuito deste artigo é analisar e ajudar a refletir sobre algumas discussões silenciadas a respeito das relações étnico-raciais e conflitos que as circundam como sobre práticas discriminatórias e de preconceitos que se instalam no âmbito escolar. Nessa perspectiva, é importante também destacar como os discentes veem a imagem do negro inserida nos conteúdos escolares

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação, UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Fundação Municipal de Niterói, RJ. E-mail: fernandalopesbraga@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Educação, UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Fundação Municipal de Niterói, RJ. E-mail: nildanog83@gmail.com



presentes na Educação Infantil.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES**

O papel do educador na Educação Infantil é gerar mudanças e transformações. A construção de práticas antirracistas deve estar inserida no cotidiano na sala de aula de Educação Infantil. Ana Paula Martinhago destaca que "A construção de práticas antirracistas tem de passar pela desnaturalização de algumas práticas escolares que alguns educadores cometem e nem sabem estar se portando como racistas" (MARTINHAGO, 2021, p. 89).

A literatura infantil, por exemplo, pode interferir na construção ou desconstrução do processo de formação da identidade das crianças negras, principalmente as que se encontram no espaço escolar e, sobretudo, na Educação Infantil. Tanto as ações de personagens negros e ilustrações "devem ser utilizadas de maneira construtiva, de modo que contribuam para a autoestima das crianças negras, bem como para sensibilização das não-negras" (CAVALLEIRO, 2021 p. 196). Ademais, é importante que, para planejar práticas antirracistas, os professores de Educação Infantil tenham conhecimento da Lei nº 10.629/2003.

O professor antirracista deve assegurar que todas as crianças se sintam pertencentes, reconhecidas e respeitadas em sua cultura, representatividade e individualidade no cotidiano escolar. Também deve promover práticas com as quais as crianças sintam orgulho da sua ancestralidade.

Uma educação antirracista tem como objetivo formações, debates e questionamentos dos efeitos das desigualdades geradas pela imposição da cultura branca e ações de valorização da cultura dos demais grupos étnicos. (MARTINHAGO, 2021, p.100).

Retornando à literatura infantil, esta deve apresentar os personagens negros em contextos diferenciados, de maneira positiva, como protagonistas, e com ilustrações bem delineadas. Cabe destacar que a "Lei n. 10639/2003



torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana em escolas do ensino fundamental até o ensino médio" (MARTINHAGO, 2021, p. 126).

Um aspecto que deve ser ressaltado é a forma como as crianças negras, pretas e pardas, com pele mais clara, pele mais escura, cabelo crespo, cabelo cacheado se percebem e percebem seus pares. Vale lembrar que o ideário racista atua como um mecanismo construtor de imagens distorcidas da história e da cultura negra, fazendo com que alguns meninos e meninas negros desejem ser brancos, ter cabelos lisos, rejeitando os elementos que os singularizam, em paralelo a comportamentos de rejeição e preconceito de crianças brancas em relação às negras. Essa prática pode ser percebida em momentos de interação, como por exemplo, nas brincadeiras, nos compartilhamentos de brinquedos. Por isso, como diz Andréia Lisboa de Sousa (2021), reforçamos que a literatura infantil tem papel fundamental nas práticas antirracistas e necessita apresentar os personagens negros em contextos diferenciados dos pontos, de maneira positiva, como protagonistas, pertencentes a uma família e com ilustrações bem delineadas.

As imagens vistas desde a infância influenciam diretamente nossas vidas. Se não forem caricatas, estereotipadas e inferiorizadas, levam à "aceitabilidade das diferenças, visando uma vida adulta feliz" (CARVALLEIRO, 2021, p. 196). Por isso, a contação de histórias e rodas de conversa na Educação Infantil é um ótimo recurso para iniciar práticas antirracistas. Um exemplo é o livro "O Cabelo de Lelê", de Valéria Belém, que mostra de onde vêm tantos cachinhos e destaca a beleza da herança africana.

O livro *Meu Crespo* é de Rainha, de Bell Hooks, é uma homenagem ao cabelo afro, e ensina as crianças a se orgulharem de seu cabelo como ele é. *As Tranças de Bintou*, livro da autora Sylviane Anna Diouf, conta a história de Bintou, uma menina que sonha em ter tranças, mas que isso só é permitido às meninas mais velhas. A partir da leitura destes livros, podem ser desencadeadas inúmeras atividades: confecção de penteados em bonecos; brincadeiras que valorizem a herança cultural; brincar de salão de beleza



utilizando diversas perucas; projeto de leitura em casa; recorte de imagens de pessoas em revistas com penteados em cabelos crespos; entre outras. Assim, constroem-se condições para que todas as crianças se sintam pertencentes reconhecidas e respeitadas em sua cultura, representatividade e individualidade no cotidiano escolar.

A importância de trabalhar questões étnico-raciais com as crianças reside, sobretudo, na intensificação da construção da identidade delas, levando-as a se perceberem no mundo e a perceber o outro. De acordo com Santos Neto e Freitas (2020, p. 1):

Por mais que seja um assunto bastante debatido ao longo dos anos, ainda se faz necessário persistir nessas questões ligadas a essa ideologia cada vez mais aflitiva às pessoas negras e, conseqüentemente, às crianças, por carregarem isso desde o início de seu percurso escolar.

A formação da identidade da criança acontece por meio da socialização das relações estabelecidas com os outros, quando é construída sua autoimagem e seu autoconceito. Abolir práticas discriminatórias é algo complexo, mas que pode ocorrer se as novas gerações forem conscientizadas desde cedo, evitando que reproduzam padrões de preconceito racial.

Portanto, trabalhar relações étnico-raciais na infância de forma adequada é missão que cabe aos adultos, buscando sempre falar a verdade e oferecer referências positivas que ajudem a criança a entender a complexidade do racismo.

## **CONSIDERAÇÕES**

O número reduzido de pesquisas sobre a questão racial, no contexto da Educação Infantil mostra que há um desconhecimento daquilo que a criança pequena é capaz de produzir. Também mostra que precisamos entender que ser criança pequena em um espaço escolar não a isenta do preconceito racial, e que para uma melhor construção de uma educação das relações raciais no âmbito da Educação Infantil é preciso escutá-las e vê-las naquilo que elas



podem construir frente à realidade da construção racial identitária a que são expostas.

A literatura, por exemplo, pode ser um instrumento na luta pela construção de uma educação das relações étnico-raciais eficiente, que não se contente apenas com improvisos ou trabalhos isolados, apenas no mês de novembro, mas que se traduza em compromisso político dos docentes e instituições escolares em desfazer mentes racistas.

Lembra Verrangia e Silva (2010, p. 710) que “A escola não é a única instituição responsável pela educação das relações étnico-raciais, uma vez que o processo de se educar ocorre também na família, nos grupos culturais, nas comunidades, no convívio”. Nesse sentido, é de suma importância a parceria firmada entre escola e família para intensificar cada vez mais a abolição de práticas racistas na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelé**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

BRASIL, **Lei 10.639** de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

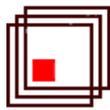
DIOUF, Sylviane Anna. **As tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

HOOKS, Bell. **Meu crespo é de rainha**. São Paulo: Boitatá, 1999.

MARTINHAGO, Ana Paula Galante (org.). **Educação emancipadora: perspectivas teóricas e práticas na diversidade**. Campinas: Apparte, 2021.

SANTOS NETO, Anselmo ; FREITAS, Arthur Felipe Lima. **Relações étnico-raciais na educação: como o racismo interfere no processo educativo**. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7. 2020, Maceió. **Anais...** Maceió: Editora Realize, 2020. p. 1-11. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/>.

VERRANGIA, Douglas; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e **Cidadania,**



**relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 705-718, set./dez. 2010.**